

A NEGRA *KITSCH*

Warley Matias de Souza

A NEGRA *KITSCH*



Souza, Warley Matias de, 1974-

A negra *kitsch* / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2017.

102 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-919584-7-4

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

A NEGRA *KITSCH*

Copyright © 2017 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

“És meu criador, porém eu sou teu senhor. Obedece!”

Frankenstein, de Mary Shelley.

Tradução de Miécio Araujo Jorge Honkis.

I

Sim, vou morrer, sinto febrilmente que vou morrer, daqui a pouco, futuro próximo, uma questão de horas. Meu coração dá sinais de fraqueza, sinto os seus trancos de vida.

II

Curioso que, na última noite, sonhei que estava com uma dor de cabeça, aqui bem atrás, forte. No sonho, cogitei um câncer no cérebro, trágico e desesperador.

III

Acordei, sem dor, mas o coração...

IV

É, vou morrer.

V

Hoje à tarde encontrei no meu caminho uma jovem negra, lábios grossos abarrotados de um batom vermelho. Em seu cabelo crespo, havia uma orquídea também muito vermelha. E seus lábios sorriam, confundindo-se com a flor e com os meus olhos. Ela sorria para mim, não sei se por desejo se por desdém. Fiquei

encantado e soube que era ela, assim, tão *kitsch*.

VI

— A morte é *kitsch* — balbuciei, em uma espécie de sonambulismo.

VII

Agora sei que vivi todas essas décadas para descobrir e revelar-lhes que a morte não passa de uma jovem negra *kitsch*.

VIII

Porém, enquanto ela não me abraça e me beija com sua boca de sangue, vou comendo o que me resta de vida, pois não podemos rejeitar as migalhas que esta, gentilmente, oferece-nos.

IX

Hoje fiquei de pé junto à janela do meu quarto e consegui ver um pedacinho do céu.

X

Tenho uma casa antiga cercada por prédios e sombras. E, quando penso nisso, uma sensação angustiante toma conta de

mim, como se a qualquer momento os prédios pudessem esmagar-me.

XI

Aqui não vivo apenas eu, mas também as minhas lembranças e os meus fantasmas. Nasci nesta casa, vi os seus habitantes partirem, voltarem e morrerem. Aqui abriguei meu ódio e meu desejo, minhas esperanças e minhas ilusões, meus livros e meus orgasmos. E sei que aqui morrerei, morte próxima, orgia *keitsch*.

XII

Todos somos mendigos.

XIII

Não serei eu o revelador da grande verdade que demorei e trabalhei tanto para obter. Pois sou egoísta, completamente. Todo aquele que trabalha é egoísta, pois vê injustiça em dividir o resultado de seu esforço, de seu tenaz empenho.

XIV

E, de repente, ocorre-me que o mendigo não metafórico, é um inadaptado com menos sorte do que eu. Não conseguiu ser normal, submisso ao sistema, e foi jogado à margem, único cami-

nho possível para aquele que não consegue viver algemado pelas convenções. Esse incompreendido, talvez artista ou gênio, perambula pelas ruas, impossibilitado de transformar a realidade que o massacra, sorte que talvez eu também tivesse se não fosse o acaso.

XV

Um cheiro de coisa azeda. O cheiro da merda. O gosto do leite e também o gosto do sangue. Dor. Vacina ou cólica. A canção de ninar. Boi, boi da cara preta. Mão molhada a deslizar sobre minha barriga. O barulho de água morna. A urina: cócegas na uretra. Tosse. Catarro. A pressão das lágrimas nos olhos. Lágrimas que entram nos ouvidos. Gosto de lágrima na boca. Riso. Tapa.

XVI

Enquanto a negra *kitsch* não me abraça com seus braços másculos e sua boca de fêmea, continuo a (r)existir. Sentado no banco vermelho do ponto de ônibus, sinto meu coração tremular, em solavancos, e ameaçar-me com seu tum-tum, tum-...-tum, tum-tum, tum-...-tum-tum... Vejo um menino de dois anos, com uma capa vermelha de super-homem, abraçado a um boneco amarelo cabeçudo, de plástico. Simplesmente assim, o menino crente e inconsciente de seu poder arrancou meu sorriso e despertou meu afeto tão embotado diante da morte iminente.